

Que faz a fé de 1.200 milhões de cristãos para os 165 milhões de abandonados?

Em vista do sínodo, reflexão de padre Zeno, fundador de Nomadelfia – comunidade de famílias -, elaborada por Fausto Marinetti

Em 1952 Pio XII lança um apelo: *É todo o mundo que precisa se refazer desde os alicerces: passar do selvagem ao humano, do humano ao divino, segundo o coração de Deus.* Para Zeno também as famílias devem passar do selvagem ao humano, do humano ao divino: *Se amais os que vos amam, que fazeis de especial? Também os pagãos... (Mt 5,43).* Explica isso às mulheres: Oh se vocês forem como as gatas! Desde menino observo duas com os filhotes. Uma morre, a outra leva os órfãos em sua toca e cria todos.

O maior obstáculo para a nova civilização é a relação familiar. A família isolada é um azar. Todo dia você vai ao trabalho e não sabe se vai voltar para casa à noite, deixando uma viúva e uns órfãos. Não é como viajar de avião sem para queda? O afeto familiar larga no colégio os filhos que atrapalham e no asilo os pais idosos. As tribus dos pagãos tinham soluções mais civis. *A família isolada é contra a natureza*, está ainda na *fossa dos leões* lutando com os monstros dos racismos, limpezas étnicas, pátrias, egoísmos. O desafio de Cristo a Nicodemos – *renascer do Espírito* - è para o indivíduo ou também para a família? A cristandade não tem exemplos para oferecer. Quantos santos casados? O padre dita leis até no quarto dos casais, a família ficou *pagã*, os leigos não desenvolvem os aspectos positivos dela. Um imprevisto e a família fica aleijada. No caminho para o cemitério, as mulheres comentam: ‘Quando morre uma mãe, seria melhor colocar o recém-nascido no caixão com ela’. Ou é cruel Deus que faz os órfãos ou cruéis somos nós que não sabemos encontrar soluções. Se com o vínculo do sangue a família patriarcal não abandonava nem filhos nem velhos, coisa se poderia fazer com o vínculo da fé? Como se pretende a fraternidade entre os indivíduos, por que não pretendê-la entre as famílias?

A família é um centro egoístico por natureza. Mas se tem uma função social não pode se fechar em si mesma. Se o amor que você tem por seu marido e seu filho se torna um obstáculo para nos amar como irmãos entre família e família, que amor é? O câncer da igreja é que o casamento não é vivido como uma vocação universal. O Senhor nos criou na família, mas o amor dos casais é um episódio. Unem-se no sacramento e renascem para uma relação nova: ‘não mais da carne, do sangue, da vontade de homem’ (Gv 1,13), porque ‘o que é carne é carne, é o espírito que vivifica’. Se amor dos casais é uma experiência do divino, por que não se abre às vítimas do não-amor? Os filhos não devem ter medo da morte. Um deles disse: ‘para as crianças a mãe não morre nunca’. As lágrimas deles são uma ofensa a Deus. Os pinguins brigam para ficar com os pequenos órfãos.

Se a tragédia dos órfãos fosse inevitável, Deus seria cruel. Quem ama, Deus? Os abandonados. Onde está Cristo? Nos filhos deserdados. “Precisa se maravilhar se o clero e os bispos aceitaram colégios e orfanatos? Uma desgraça! Em Pompeia os padres fizeram a ‘Casa dos filhos dos presos’. Mas como? Tu, padre, tens a coragem de chamar assim os que Deus escolheu como filhos prediletos? Que sejam desprezados pelo mundo é uma coisa, mas também pela igreja não é demais?” (don Zeno, Pompei, 27.02.1943). Os filhos não são brinquedos dos pais, da fatalidade, da desgraça. Deus nos deu a honra de nos entregar os ‘Seus’ filhos. Todos iguais para Ele: o ponto mais delicado da fé. O sangue

confunde os papas e os chefe de estado. ‘Uma mãe, para salvar seu filho, deixaria destruir uma cidade’. Se Deus é nosso pai, nós somos filhos e irmãos. Ninguém é filho dos pais, porque não procriam a alma. São instrumentos ocasionais. Um menino escreve: ‘A mãe dá as células, a alma é dada por Deus. Mãe não é aquela que te gera, esse é um fato de Deus, mas aquela que te alimenta e te leva ao amor’. Também os animais procriam. Nós vamos além do fato biológico, porque a paternidade e maternidade humana não é nossa, é de Deus.

A mulher diz: ‘Fiz um filho’: como, se não sabes nem quantos cabelos ele tem? As mães se apoderam de Deus e de seus filhos. Ladronas! Não podes tirá-los Dele para fazê-los teus. Filhos da carne? Não somos cultores de carne, que os amarra e os escraviza. Precisa ir além do amor do sangue. A fraternidade é um fato de Deus, não obra do sangue, o qual bloqueia os vasos comunicantes, nos divide. A luz de Deus passa pelos sentidos, se torna sensível, mas deve ser medida, equilibrada. Não se devem abafar os sentimentos, mas elevá-los ao nível do próprio Deus, porque o homem carnal não ‘percebe as coisas de Deus’ (1Cor 2,14).

A vida eterna é fazer a revolução, levando ao povo a família segundo o Evangelho. Amarnos ‘como’ Ele nos amou também como famílias. Por que os filhos debandam? Porque não sabemos amá-los. As mulheres os amarram com uma liga para levá-los novamente em seu útero e tê-los somente para si. Mas nasceram carne e ressurgiram espírito. Talvez Cristo nos ame com o sentido, o sentimentalismo? O povo exalta a mama que sugou, o ventre que o carregou. E Ele: ‘Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a praticam’ (Lc 11,27-28). Os sentidos devem ser guiados pelo espírito, não nos tornar escravos do parentesco, do sexo, da matéria. Então os filhos renascem filhos de Deus. O amor sobre natural é uma força, que transforma o mundo. Damos aos filhos a alegria de ser livres não escravos dos nossos sentimentos.

Vocês dizem: ‘É meu’! Foi você que fez aquele menino? Para o evangelho ‘nasce um homem ao mundo’ (Gv 16, 21), não a sua mãe. Nosso coração é feito para amar somente aquele ali? Na história dominou a carne, o sangue, a raça. Também na igreja. As mulheres crêem de amar os filhos com o sentido. Não é amor. O sentimento é salvação. Se manda você amar um filho, por que não manda amar também o outro?

Quando passa uma mulher grávida precisamos nos ajoelhar: é uma Nossa Senhora. O nascituro deve ter a garantia de estar protegido debaixo de uma chuva de amor. O amor não se divide, é Deus em nós. Amas teu filho mais do que os outros? O que é esse “mais”? Na presença de Deus podem dizer de tê-lo amado como Ele o amou. Em quanto cresce, não deveria sentir-se filho, mas irmão dos pais. Precisa passar da família biológica àquela de Deus. Cristo diz: ‘Deixem as crianças virem a mim’ (Lc 18,15-17). Não diz para nós, mas para Ele. O Senhor entrega a vocês os filhos na cruz: “Mulher, eis teu filho. Filho, eis tua mãe” (Gv 19,18-30). A Igreja ignorou a maternidade do Calvário onde Maria regenera João como filho do espírito. Para que serve a fé de 1.200 milhões de cristãos se não matam a sede de amor de 165 milhões de abandonados, se não conseguem lhes dizer: “A minha família é ressurreição e vida para a tua família”? Vamos redimir a família e as crianças virão na mulher a mãe. Se nosso amor é sobre natural, o filho sente que o tornamos filho de Deus, não do homem. ‘Quem é meu irmão, irmã, mãe? Quem ama a seu

filho mais do que a mim, não é digno de mim' (Mt 10,37). Deveria nascer em nós a admiração, a devoção para o homem. Morte, doença, solidão, nada nos mete medo. Não temos os irmãos nos quais confiar? Quem é nosso pai? Deus. Então o que tem a ver ter nascido de famílias diferentes? Cristo rejeita a linguagem do sangue, da raça, do sentimento familiar: 'Não sabeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?' (Lc 2,41-50). Cristo destrói o homem de carne e faz o de espírito. Há demais religiosidade superficial, grudenta! Olhem-se no espelho: não somos unum com a carne? Devemos beijá-la, honrá-la. Na hora da repressão da comunidade, disse ao card. Pizzardo: 'Se para o senhor não é possível amar do mesmo amor um filho carnal e um acolhido, o senhor é um luterano ...'. Se não aparecer uma força que muda a rota familiar a humanidade não se salva.

Oh se as mulheres soubessem ter uma missão materna sobre todos os homens. Cristo pegou a carne delas. Quando tomam no colo um filho, abraçam Cristo. Onde pensam que esteja a maternidade? No rosto dos abandonados. A maternidade não é de carne, mas de espírito. Uma missão não somente sobre seus próprios filhos, mas sobre toda a humanidade. Seus úteros são o berço da humanidade.

Aconselha-se a leitura da vida de padre Zeno: "Obedientíssimo rebelde", pedindo a fausto.marinetti@gmail.com

Veja site www.nomadelfia.org e

a fiction: <https://www.youtube.com/watch?v=q5tj7DBXmVc>